

## Alteridades imaginadas. As narrativas da derrota e os vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. Mídia e identidade nacional<sup>1</sup>

Leda Maria da Costa<sup>2</sup>

NEPESS Núcleo de estudos e pesquisas sobre esporte e sociedade-UFF

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo demonstrar que a representação dos vilões, ou seja, aqueles profissionais considerados responsáveis por uma derrota da seleção brasileira em Copas do Mundo cumpre a função de manter preservados a imagem da seleção brasileira e os valores positivos a ela anexados, muitos dos quais relacionados à identidade nacional. Os vilões da derrota reforçam pelas avessas o ideal identitário do futebol brasileiro. Para demonstrar tal hipótese serão analisadas as narrativas da derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2010 que fez do técnico Dunga, vilão pela segunda vez. Será realizada uma análise comparativa entre os jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo*, do Rio de Janeiro. Pretende-se desse modo possibilitar uma compreensão mais aprofundada do papel da mediatização do futebol e as definições da identidade nacional brasileira, sustentadas no discurso da imprensa.

**Palavras-chave:** Copa do Mundo; identidade nacional; discurso da imprensa

**Abstract:** Imagined otherness. The narratives of defeat and the villains of Brazilian national soccer team in World Cups. Media and national identity. This work intends to demonstrate that the representation of villains (that is to say, the professionals considered responsables for a defeat of Brazilian national soccer team in world cups) has the role of to preserve the image of Brazilian national soccer team and the positive values attached to it (values related several times tonational identity). The villains of defeat reinforce in a particular way the ideal of identity. For to demonstrate this hypothesis, I will analyse the narratives of defeat of Brazilian national soccer team in world cup 2010, when the coach, Dunga, became villain for the second time. I will make a comparative analysis between the newspapers *Folha de São Paulo* and *O Globo*. I intend to make possible a deeper understanding of the role of mediatization of soccer and the definitions of Brazilian identity, supported by the discourse of press.

**Keywords:** World Cup; National identity; discourse of press

### Introdução

Se o futebol – assim como os esportes de um modo geral – transformou-se em um dos mais importantes produtores de figuras heróicas nas sociedades modernas, certamente, não poderia deixar de produzir figuras vilânicas. As tipologias vilânicas são configuradas em um contexto contemporâneo de um futebol perpassado pelas narrativas midiáticas, em que concepções de virtude e vício são forjadas em diálogo com uma série de valores e representações que permeiam o território futebolístico e a sociedade. Vilões são sempre construídos em contraposição a normas ou expectativas mantidas e criadas por determinados grupos, que podem ser de torcedores, público em geral, jornalistas,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT09 - Esporte e sociedade

<sup>2</sup> Doutora em Literatura Comparada - UERJ.; Pesquisadora do NEPESS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade – UFF) e do Sport – Laboratório de História do Esporte e do Lazer – UFRJ. Professora e bolsista de pesquisa da Uniabeu (Este trabalho é parte da pesquisa Futebol folhetinado. Mário Filho e os recursos narrativos usados na construção da notícia, financiado pela bolsa PROAPE - Uniabeu)

dirigentes etc. Por isso, são sempre alvo de críticas, reprovações e punições sejam concretas ou simbólicas.

As derrotas que culminam na eliminação da seleção brasileira de uma Copa do Mundo transformaram-se em ricas produtoras de vilões e um farto material de especulação para a imprensa esportiva. Quando a seleção brasileira é eliminada de uma Copa, uma pergunta é insistentemente repetida por grande parte da imprensa esportiva: “Por que o Brasil perdeu?”. Há alguns anos esse questionamento é o fio condutor das páginas e telas esportivas. Embora se tente revestir essa interrogação com uma aura crítica e pretensamente investigativa, geralmente essa pergunta é respondida de um modo um tanto simplista: através dos vilões, ou seja, aqueles jogadores, técnicos, juízes, dirigentes etc., considerados como culpados pelo revés brasileiro.

Os vilões são personagens que estão presente em nosso imaginário consagrados pelo melodrama e folhetim, tendo se perpetuado por intermédio de romances, telenovelas, filmes, quadrinhos e tantas outras produções culturais. E se na ficção tudo que acontece de ruim parece ser obra de um vilão, o mesmo ocorre nos discursos sobre futebol produzidos pela imprensa. O vilão representa uma alteridade, representa o outro sobre o qual se deposita valores considerados como ilegítimos e não pertencentes a uma determinada identidade. Para deixar claro o que se deseja dizer, basta lembrarmos que nos grandes melodramas franceses do século XIX os vilões são: “geralmente ateus, frequentemente estrangeiros, marginais, forçados ou desertores do exército de Napoleão na Grande Armada” (Thomasseau, 2005, 40). Em uma França marcada por conflitos, o vilão dos melodramas claramente é erguido para reforçar os valores positivos com os quais se deseja revestir a identidade francesa.<sup>3</sup>

Classicamente são figuras monolíticas e construídas com base em estereótipos, sendo, portanto, personagens plenamente adequados a produções destinadas a públicos massivos como foi o caso dos melodramas e é o caso das narrativas da imprensa esportiva. Os vilões – assim como os heróis – devido a seu caráter familiar têm um ótimo

---

<sup>3</sup> O melodrama é gênero teatral cujo auge se deu no período da Revolução, período em que grande parte da França sentia a necessidade de exaltar valores como honra, família e coragem. A punição daqueles que representavam o lado oposto de um mundo idealmente virtuoso, como por exemplo os vilões, personagens cujo castigo – inevitável ao final da história – saciava a sede de justiça de um público que vivia um cotidiano marcado por uma atmosfera de crise (Thomasseau, 2005, 13).

rendimento na memória e na imaginação do público, afinal pensar na derrota de 1950, por exemplo, é lembrar do vilão Barbosa, o goleiro acusado de levar um “frango” no segundo gol uruguaio. E o que dizer da Copa de 2006 cuja eliminação da seleção foi emblematizada na figura do lateral Roberto Carlos e seus meiões<sup>4</sup>. Assim como ocorre nos melodramas e folhetins, os vilões também são fundamentais às narrativas produzidas pela imprensa esportiva, pois condensam grande parte da carga dramática conferida às histórias do futebol e especialmente as derrotas da seleção. Nesse sentido é importante pensar os vilões como pertencentes a um contexto em que a imprensa esportiva gradativamente passa a incorporar novas formas de produção da notícia, enfatizando aspectos emotivos e conflituosos do esporte.

É importante pensar os vilões também como resultado do investimento em notícias de matriz melodramática que se fez notar no jornalismo esportivo. Folhetinizar a notícia ou a informação significa contar fatos do cotidiano privilegiando aspectos como:

o exagero nas expressões de sentimentos, temas e conflitos, característicos ao melodrama, acrescidos da estrutura digamos atualizadas do folhetim, isto é, fragmentação do texto, um certo suspense, frases simples, pessoas que se tornam personagens, imagens que direcionam o olhar do receptor e facilitam a compreensão da notícia, tudo numa mescla de códigos, vinculada a um processo de identificação e onde o imaginário prevalece (Lanza, 2008, 89).

Por conta da especificidade de seu objeto principal que é o futebol – esporte em que a emoção ocupa um espaço simbólico privilegiado – configura-se no jornalismo esportivo brasileiro um território em que é proporcionada uma maior liberdade de investimento narrativo na construção da notícia. Além disso, os fatos ligados ao mundo esportivo podem ser pensados como aqueles que se encaixam “na categoria de notícias brandas ou leves, que geram uma grande quantidade de histórias de interesse humano” (SOUZA, 2005, 11). Sendo assim, o jornalismo esportivo, no Brasil, seria uma porta aberta para a “folhetinização da notícia” processo em que informação e imaginação se unem para cativar a massa leitora. Imaginação melodramática (BROOKS, 1995), pois que marcada pelo exagero, por lugares-comuns e conteúdos eivados de convencionalismo

---

<sup>4</sup>Após a imagem que mostrava o lateral Roberto Carlos abaixado para ajeitar as meias, enquanto Henry fazia o gol da França que eliminaria a seleção da Copa de 2006, o jogador passou a ser culpabilizado tanto por torcedores quanto pela imprensa pela derrota da seleção. De maneira jocosa, o lateral costuma ser chamado popularmente de Roberto “meião” Carlos.

próprios para alcançar um público massivo.<sup>1</sup>Muitas reportagens sobre futebol produzidas pela imprensa tem o excesso como marca forte, assim como o suspense, a polêmica e uma visão de mundo maniqueísta, dividida entre o bem e o mal, o certo e o errado, entre heróis e vilões.

Praticamente em toda Copa malsucedida um mecanismo de culpabilização se repete nas páginas esportivas. E a pergunta “Por que o Brasil perdeu?” é quase sempre respondida através das figuras vilânicas, afinal seriam seus erros e sua “desastrada” presença em campo que justificariam o insucesso da seleção. Nas narrativas da derrota da seleção em Copas é possível notarmos uma constante referência à troca de acusações e uma ânsia pela busca de culpados. Por isso, assim como ocorre em muitos melodramas e folhetins, as recepções da derrota costumam recorrer à “representação da justiça” (MEYER, 1996, 385). Esse aspecto se evidencia no constante investimento da imprensa na configuração de uma espécie de tribunal para que os possíveis “culpados” pelo revés brasileiro sejam julgados. O *Diário de Minas*, em 1966, trazia a manchete “Garrincha acusa comissão técnica pelo fracasso nos jogos da Copa” (26/07/1966). Em 1986, a atmosfera de julgamento persistia, “Galera culpa Sócrates e Zico pelo fracasso” (JS, 23/06/1986). Em 1990, a pergunta lançada foi: “Sebastião Lazaroni é o grande culpado da derrota do Brasil?” (JS, 25/06/1990) e nessa mesma Copa temos: “Lazaroni culpa Müller e Careca (JS, 26/06/1990). (grifos meus).

Assim como na ficção de matriz melodramática, nas recepções da derrota da seleção, a vilania está relacionada a um fenômeno também comum no futebol e que diz respeito à afirmação e conservação de identidades. Identidades positivas podem ser fortalecidas, através da construção de alteridades negativas. No caso da seleção brasileira, a trajetória da consolidação da vilania, como mecanismo importante para a compreensão da derrota, demonstra que com o tempo os vilões passam a comportar características não reconhecidas como nossas, ou seja, como “autenticamente” brasileiras. Afinal como Pablo Alabarces já afirmou a manutenção de uma identidade precisa da “[...] invención de un *Otro*, en tanto la dinámica de invención de una identidad exige su alteridad” (2002, 48).

Daí a necessidade de demarcar os vilões em um território reservado, traçando uma fronteira entre “eles” e “nós”: Eles, os vilões, é que são perdedores, covardes, mascarados, mercenários ou pernas-de-pau adjetivos que lhes são comumente atribuídos.<sup>5</sup> Já o “autêntico” futebol brasileiro, ao contrário, é vitorioso, brioso, composto por profissionais que defendem a seleção por amor e não por dinheiro, é o futebol-arte de tantos craques e conquistas. Em 1986, considerava-se que “Telê Santana não podia ser técnico da seleção”, pois como afirmou o ex-jogador Gérson, Telê “*sempre foi um perdedor. Nunca ganhou nada*” (JS, 27/06/1986). Em 1990, o *Jornal dos Sports* afirmava que: “O futebol de Lazaroni *não é o futebol brasileiro*” (25/06/1990) e que Dunga seria o “*mais europeu dos jogadores*” (*Jornal dos Sports*, 26/06/1990). (Grifos meus)

Vilões foram historicamente construídos como a antítese das representações em torno do futebol europeu, genericamente denominado de “futebol-força”. Por isso, ninguém é vilão por acaso, a maioria dos jogadores culpabilizados por derrotas da seleção possuem alguns “estereótipos da perseguição”<sup>6</sup> (GIRARD, 2004, 24): atuavam na zona defensiva ou costumavam ser caracterizados como jogadores de marcação, sem “jogo de cintura”. Nenhum deles tinha o perfil consagrado de craque e nenhum deles vestia a camisa 10, que é a mais valorizada, em termos simbólicos, do futebol nacional. Isso sem mencionar os técnicos que quando eliminados de uma Copa são sempre demitidos. Tratam-se de categorias, portanto, pouco privilegiadas no imaginário futebolístico, principalmente, aquele construído em torno da seleção. Pouco privilegiadas pois vistas como destituídas do “dom” (DAMO, 2007) e talento para se jogar futebol.

Os vilões representariam o antifutebol brasileiro, ou aquele “futebol desbrasileirado” a qual Gilberto Freyre fez menção em seu artigo homônimo publicado no *Diário de Pernambuco*, em 30/06/1974. Nesse texto, o sociólogo reitera ideias já demonstradas em “Football Mulato”, de 1938, e demonstra desapontamento com as atuações da seleção brasileira na Copa de 1974, que teria dado mostras de um estilo de

---

<sup>5</sup> Esse aspecto foi explorado da minha tese de Doutorado A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da derrota da seleção brasileira em Copas do mundo. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

<sup>6</sup> Esse conceito é usado por René Girard na análise que faz da figura dos bodes expiatórios. Segundo Girard, os bodes expiatórios são os indivíduos responsabilizados por algum tipo de desordem em uma dada comunidade. Entretanto, essa responsabilização se dá nem sempre baseada em evidências concretas de crimes ou deslizes cometidos, mas porque tais indivíduos pertencem a certas minorias deslocadas e pouco integradas às comunidades em questão.

jogo incompatível com o jeito dionisíaco e “inconfundivelmente, distintamente nosso”, diferentemente do europeu “calculado, ordenado, matemático” (*Diário de Pernambuco*, 30/06/1974).

É interessante perceber que tanto nas palavras de Freyre – e, sobretudo nas da imprensa – o estilo brasileiro de futebol é tomado como uma categoria naturalizada. Essa naturalização está presente no imaginário nacional sendo reforçado pela imprensa esportiva, afinal como nos diz Inthorn: “os campeonatos de futebol são momentos nos quais o conceito de uma identidade natural é particularmente evidente nos textos da mídia” (INTHORN, apud Martino, 2010, 108). Sobretudo se esse campeonato é uma Copa do Mundo, evento que com o tempo se configurou como “um momento de construção da identidade brasileira encenado, a cada quatro anos” (GUEDES, 2000, 128). As participações do Brasil em Copas do Mundo são fontes das histórias que “contamos sobre nós mesmos” (BITENCOURT, 2009, 177), sendo que um dos principais narradores dessa história é a imprensa, veículo fundamental que põe em circulação e também produz sentidos e representações que circulam no universo futebolístico.

Trata-se também de um narrador que embora tenha pretensões de imparcialidade dá demonstrações de que privilegia os efeitos sobre o leitor, ao fazer das notícias folhetinizadas uma fórmula a partir da qual constrói sua versão do jogo. Versão que em grande medida é dependente do resultado final da partida. Caso o Brasil ganhe, tudo são risos e festa, mesmo que antes do jogo a imprensa não tenha poupado a seleção de objeções e críticas. E quando o Brasil perde, tudo são lágrimas e parece errado, mesmo que no dia anterior não tenha faltado exaltação aos craques brasileiros. Em 1998, por exemplo, era possível ler manchetes como a que foi publicada pelo diário *Lance*, no dia da final da Copa, e que dizia: “Brasil! Hoje é dia de penta” (12/07/1998). Dias antes do jogo entre Brasil e França, o *Ataque* dizia: “Com a mão no penta” (10/07/1998). Mas quando a derrota veio, tudo que era certo transformou-se em erro: “os sete erros capitais da seleção” (*Lance*, 13/07/1998). Nessa mesma Copa, o jornal *O Dia*, antes da final, anunciava “A hora do Penta. Festa do Penta será na praia de Copacabana” (12/07/1998). Já no dia seguinte: “Saída pelos fundos” (*O Dia*, 13/07/1998).

Em 1982, nossa segunda “tragédia futebolística”, as ótimas atuações da seleção alimentaram matérias que não escondiam a arrogância. Sequer estávamos na final e mesmo assim após a vitória sobre a Escócia, o jornal *O Dia* sentenciava: “Placar *do tetra*: 4 X 1” (Grifo meu, 19/06/1982). Já a *Folha de São Paulo*, depois de a seleção vencer a Argentina, publicou a manchete: “Agora, a vez da Itália” (03/07/1982). A derrota, no entanto, mudou completamente esse discurso que parecia tão seguro e todo otimismo se converteu em uma das causas da perda do jogo para a Itália. Em relação à eliminação dessa Copa, a mesma *Folha de São Paulo* afirmou: “os responsáveis pelo nosso futebol *não têm a humildade suficiente*, querem aparecer como os maiores do mundo” (Grifos meus, 06/07/1982). João Saldanha, por sua vez, não poupou críticas ao que ele denominou de “seleção oba-oba” excessivamente deslumbrada com o assédio da imprensa e composta por “bons moços, bem educados e tão comportados que só tivemos um pálido cartão amarelo” (2002, 191). Porém, caso a seleção de 1982 se sagrasse campeã, é muito provável que Saldanha usasse essas mesmas características para corroborar uma opinião esboçada por ele mesmo, dias antes da derrota, quando afirmou que “o futebol brasileiro é o maior espetáculo da terra” (*Veja*, 14/07/1982).

E se o resultado final tem forte influência na construção dos principais personagens de uma partida, as identidades não são tão fixas quanto se pretende que sejam. Ao contrário, dão mostras de que são flutuantes e de que a distância que separa os heróis dos vilões é tênue e sem caráter definitivo, o que abre caminho para que se explore as contradições e ambiguidades do discurso da imprensa. Ao realizar tal exploração será possível desconstruir as identidades e as alteridades as quais se pretende dar a aparência de “natural”.

E na trajetória dos vilões, o caso que mais chama a atenção é o de Dunga. Poucos vilões como Dunga, em 1990, conseguiram ser considerados como a quase que total negação do futebol brasileiro. Entretanto esse mesmo Dunga, em 1994, será considerado um dos heróis do tetracampeonato mundial, jogador cujas virtudes foram evocadas em 2006 logo após a saída da seleção da Copa do Mundo daquele ano. Para completar, nesse mesmo ano, o ex-capitão tornou-se técnico da seleção brasileira. Trata-se, portanto de uma trajetória interessantíssima e que merece uma análise mais detida. O caso Dunga é

rico para pensarmos não apenas o caráter “imaginado” da identidade futebolística nacional, mas também do caráter imaginado da nossa alteridade futebolística, encarnada pelos vilões. Tanto um quanto outro são formados por um conjunto de imagens, de narrativas permeadas de representações e símbolos.

### **O futebol dionísíaco**

A Copa de 1938 é um capítulo central no processo em que o futebol se transformará em um dos pilares da identidade nacional. Ao retornarem da França, em 1938, os jogadores receberam condecorações e muitas homenagens, além de desfilarem em carreata pelas ruas do Rio de Janeiro sendo celebrados por uma multidão. Grande parte da atenção se destinava a Leônidas da Silva, que voltava consagrado. A imprensa da época também não cansou de enaltecer a campanha da seleção, pois embora não tivéssemos nos sagrados campeões mundiais, os nossos jogadores mereciam respeito e admiração “pela superioridade do jogo de que deram provas” (*O Globo*, 21/06/1938).

O enaltecimento de um terceiro lugar era compreensível naquele final de década, momento em que a identidade futebolística ainda carecia de bases mais sólidas para se consolidar. Além disso, a participação da seleção na Copa de 1934 havia sido lastimável.<sup>7</sup> É a partir da Copa de 1938 que ganha maior consistência uma estrutura mais ordenada e centralizada de gestão esportiva, assim como são renovados e reforçados os valores atribuídos ao futebol e à seleção brasileira. A “pátria em chuteiras” começava a ganhar contornos um pouco mais nítidos, em grande parte, porque ao aliar-se ao futebol, o governo de Getúlio Vargas levou para esse esporte sua plataforma nacionalista que se fazia notar no slogan de um selo criado pela, então, CBD que dizia: “Auxiliar o *scratch* é dever de todo brasileiro” (*apud* FRANZINI, 2003, 70).

Mas além de questões de ordem política e administrativa, o futebol brasileiro também passava por um processo de renovação no que diz respeito aos aspectos simbólicos. A hipótese de que o futebol nacional havia conquistado um estilo próprio de jogar adquire fôlego nunca antes conseguido. Se não era inédita a conjectura de que o

---

<sup>7</sup> É importante lembrar que em 1934, a seleção ficara na 14ª colocação.



futebol brasileiro possuía originalidade<sup>8</sup>, é somente com a Copa de 38 e o terceiro lugar obtido que essa desconfiança se transformou na quase certeza de que havíamos imprimido sobre uma herança inglesa, “o jeito brasileiro de jogar”

Essa transformação foi comumente creditada à presença do negro em campo, o estilo de jogo brasileiro passa, então, a ser associado às características que costumavam ser atribuídas ao negro. Leônidas da Silva, por exemplo, foi chamado de “Homem elástico”, em referência à sua agilidade, elasticidade e aos seus movimentos corporais próximos do jogo da capoeira (PEREIRA, 2000, 332). Como bem notou Bernardo Buarque de Hollanda: “O bom desempenho dos jogadores de origem negra abre a brecha para a associação entre identidade esportiva e o diferencial étnico de constituição do povo brasileiro” (2004, 59). É válido também destacar que a década de 1930 foi um período de grandes mudanças em que se tornou perceptível uma preocupação em torno dos aspectos relativos à integração nacional em que buscou-se projetar “em escala nacional fatos que antes ocorriam no âmbito das regiões” (CANDIDO, 1989, 181), Na década de 1930 foi notável a tentativa de renovar as interpretações em torno Brasil, o que se reflete na arte Modernista, na criação de Universidades como, por exemplo, a USP com intuito de renovar o conhecimento acadêmico na direção de um caráter menos dogmático e mais crítico (Ibid, 184). Nesse contexto a mestiçagem – durante tempos considerada um problema para o país – passa por um processo de ressignificação, tendo a obra *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, desempenhado um papel vital nesse processo:

Gilberto Freyre transforma a negatividade do mestiço em positividade (...) o mito das três raças torna-se então plausível e pode-se atualizar como ritual. A ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambigüidades das teorias racistas, ao ser reelaborada pode difundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional (ORTIZ, 2006, 41).

O louvor a mestiçagem surge no texto “Football Mulato”, breve, porém importante, também de autoria de Gilberto Freyre, cuja escrita teve como estímulo o jogo

---

<sup>8</sup>A euforia provocada pela conquista do Sul-americano de 1919 inspirou alguns jornalistas a interpretarem aquela vitória como um indício de que o futebol brasileiro já apresentava um estilo próprio de jogo. O jornalista Américo R. Netto, que também se destacava como entusiasta do mundo automotivo chegou mesmo a propor o despontar de uma “escola brasileira de futebol” (cf., Franzini, 2003, 16).

Brasil X Tchecoslováquia em que a seleção nacional conseguira vencer os respeitadas vice-campeões mundiais de 1934. Freyre enfatizou o caráter singular do estilo brasileiro: “Acaba de se definir de maneira inconfundível um estylo brasileiro de *foot-ball*; e esse estylo é mais uma expressão do nosso *mulatismo* agil em assimilar, dominar, amollecere em dansa” (*Diário de Pernambuco*, 18/06/1938).

Gilberto creditou a vitória da seleção nacional sobre os Tchecos ao fato de pela primeira vez a seleção ter sido composta, em sua maioria, por jogadores afro-brasileiros<sup>9</sup>, conseguindo assim pôr em prática um diferente modo de jogar. “Football Mulato” foi originalmente publicado no *Diário de Pernambuco* sendo, em 1945, incorporado – com pequenas modificações – ao segundo volume de *Sociologia*.<sup>10</sup> Embora pequeno, trata-se de um texto de grande relevância no qual Freyre como sociólogo conseguiu traduzir em termos culturalistas a dicotomia futebol europeu *versus* futebol brasileiro, que já era mencionada em parte da imprensa esportiva nacional (FRANZINI, 2003, 78). Fazendo uso da classificação de Ruth Benedict, Freyre conclui que: “psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma

---

<sup>9</sup>Freyre faz referência às seleções anteriores cuja maioria dos jogadores não era de negros. Mas é preciso levar em conta que algumas ausências de negros e mulatos se justificam por problemas político-administrativos que marcavam o futebol nacional. O mulato Friedenreich, em 1930, por exemplo, não foi à Copa por causa de uma briga entre a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) e a CBD (Confederação Brasileira de Desportos).

<sup>10</sup>O artigo é transcrito com algumas modificações na nota 105. O trecho alterado é o seguinte: “Acaba de se definir de maneira inconfundível um estylo brasileiro de *foot-ball*; e esse estylo é mais uma expressão do nosso *mulatismo* agil em assimilar, dominar, amollecere em dansa, em curvas ou em musicas technicas europeas ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam ellas de jogo ou de architectura. Porque é um *mulatismo*, o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolineo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spengler – e dyonisiaco a seu geito – o grande geitão mulato. Inimigo do formalismo apolineo e amigo das variações; deliciando-se em manhas molleronas, mineiras à que se sucedem surpresas de agilidade. A arte do songa-monga. .... O mulato brasileiro deseuropeisou o *foot-ball* dando-lhe curvas, arredondados e graças de dansa” (Freyre, *DP*, 1938). Ao ser publicado em *Sociologia*: “Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de *foot-ball*; e esse estilo é mais uma expressão do nosso *mulatismo* ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas, as técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um *mulatismo*, o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo *apolíneo* – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Benedict – e *dionisiaco* a seu jeito – o grande jeito mulato. Inimigo do formalismo *apolíneo* e amigo das variações; deliciando-se em manhas moleronas, mineiras, em doçuras baianas a que se sucedem surpresas cariocas de agilidade. A arte do songa-monga. ... O mulato brasileiro deseuropeizou o *foot-ball* dando-lhe curvas arredondas e graças de dança” (Freyre, 1945,422-23). Como se percebe ocorreram mudanças no referencial teórico de Gilberto Freyre.

pedanteria a classificação de Benedict – e dionisíaco a seu jeito – o grande jeito mulato” (1957, 432).<sup>11</sup>

A Europa surge como o outro contra o qual começa a se erguer nossa identidade futebolística. Essa oposição também se evidencia nas considerações de um dos mais importantes jornalistas da época, Tomás Mazzoni, ao concluir que a participação brasileira na Copa da França servira para mostrar o quanto a escola europeia de futebol estava atrasada por insistir na ênfase apenas dos aspectos táticos do jogo: “Enquanto futebolistas europeus viverem escravizados *por teorias táticas* serão sempre medíocres praticantes do verdadeiro futebol, que deve ser jogo elegante, acrobático, improvisado e astuto, e não pontapé na bola a esmo (...)” (1938, 88, Grifos nossos). Ressalta-se na proposta de Mazzoni o louvor à improvisação e ao caráter espontâneo do estilo de jogo dos “sul-americanos” – e não especificamente o futebol brasileiro – em detrimento do apego dos europeus aos aspectos táticos, o que claramente na opinião de Mazzoni representaria uma limitação do futebol europeu. Há nessa consideração uma oposição entre razão x sensibilidade, lógica x intuição, enfim da questionável e perigosa oposição entre natureza x civilização, dicotomia que como mostrou Arlei Damo se fez notar também nas reportagens da imprensa francesa que faziam referência à seleção brasileira: “os brasileiros são sempre aproximados da natureza quando comparado aos europeus” (DAMO, 2007, 6).<sup>12</sup>

No Brasil, a individualidade é relacionada à capacidade de improvisação fundamental àquilo que Gilberto Freyre denominou de dança dionisíaca como sendo o estilo de futebol praticado pela seleção: “Dança que permitia o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica” (1957, 433). O terceiro lugar na Copa de 1938 ganhava repercussões e alimentava muitas interpretações e imagens positivas em torno do futebol brasileiro que serão posteriormente consolidadas e se transformarão nos elementos basilares da ideia de futebol-arte.

---

<sup>11</sup> Apolíneo e dionisíaco, utilizados por Ruth Benedict para fazer uma contraposição entre dois padrões de cultura, são categorias que o filósofo Friedrich Nietzsche lançou mão para compreender a composição da tragédia grega.

<sup>12</sup> Como demonstra Arlei Damo essa oposição nem sempre é vista de modo positivo no que diz respeito ao futebol brasileiro.

A Copa de 1938 cumprira um papel nem um pouco desprezível, afinal saíra-se dela com a convicção de que o futebol brasileiro estava em plena ascensão. O técnico da seleção, Ademar Pimenta, não tinha dúvidas “o *football* brasileiro é superior ao posto em prática na Europa” (CM, 12/07/1938). A interpretação dada pela imprensa ao fato de o Brasil não ter ido à final da Copa da França fazia apenas reforçar a hipótese do surgimento de uma nova supremacia futebolística. O caso do pênalti cometido por Domingos da Guia no jogador italiano Piola e assinalado pelo árbitro suíço Hans Wutrich (UNZELTE, 2002, 117) contra a seleção brasileira foi alvo de indignação da imprensa brasileira. Um lance controverso e por conta dele a própria CBD tentou anular o jogo junto a FIFA como informou o *Correio da Manhã* (17/06/1938), protesto que, entretanto, não surtiu efeito. Foi possível até mesmo imaginar uma conspiração contra o Brasil cuja mentora seria a própria FIFA, interessada em impedir que um time sul-americano suplantasse o futebol europeu. Por isso, o *JS* lançou como manchete: “Queira ou não a FIFA, *somos os campeões do mundo*” (20/06/1938). Nessa mesma edição também podemos ler o desabafo: “Parabéns a FIFA que conseguiu seu objetivo. A ‘Copa do Mundo’ não saiu da Europa, embora a preço de um claro, caracteradíssimo roubo” (Grifos meus, 20/06/1938).

A brasilidade futebolística, portanto, longe de ser uma essência, erguia-se graças à “confluência de uma perspectiva intelectual, teórica, com a verificação empírica do modo “diferente” pelo qual nossos jogadores corriam atrás da bola.” (Franzini, 2000) É nesse contexto que o estilo nacional – nessa época muitas vezes associado ao estilo sul-americano – começa a se configurar com mais nitidez. A Europa – especialmente a Inglaterra – que nos anos iniciais de introdução do futebol era o padrão de futebol a ser perseguido transforma-se em um antimodelo contra o qual se erguem nomes como Leônidas da Silva e a imagem idealizada de um estilo futebolístico nacional nascente. *Eles* são geométricos, *nós* espontâneos; *eles* se limitam a “teorias táticas” como afirmou Mazoni e *nós* fazemos do improvisado e da astúcia individual uma marca diferenciadora.

Essa marca diferenciadora construída nessa oposição Europa X Brasil ainda se mantém até os dias de hoje, como será mostrado mais adiante, oposição que será

personificada na figura dos vilões das derrotas da seleção em Copas do Mundo. Vilões cujo berço foi a Copa de 1950.

### **Os troços do autêntico futebol brasileiro**

Em 1950, após a histórica goleada sobre a seleção Espanhola o jornal *O Globo* anuncia o nascimento de uma nova casa para o futebol: “E o football passou a ter novo lar, nova pátria. Emigrou para a América do Sul, assentando bases bem mais sólidas do que julgavam os europeus. Saiu da terra natal, do lugar onde deu seus primeiros passos e não se firmou no Velho Mundo” (17/071950). A Copa de 1950 se anunciava como o momento de consagração definitiva do futebol brasileiro e das interpretações acerca do estilo brasileiro de futebol que no final da década de 1930 tinham ganhado fôlego. Mas se a superioridade em relação à Europa parecia consolidada, o mesmo não se podia dizer em relação aos nossos vizinhos sul-americanos.<sup>13</sup> Como sabemos, o Uruguai foi o campeão da Copa de 1950.

Como foi dito, a derrota para os uruguaios é o berço dos vilões das derrotas da seleção em Copas do Mundo. Em nenhum outro momento a derrota havia se configurado como um evento surpreendente e capaz de despertar espanto, pois antes dessa época havia “uma longa e terna convivência com a derrota” como disse certa vez Nelson Rodrigues (1994, 113). A imprensa escrita, por sua vez, havia se modificado significativamente, principalmente sob influência de Mário Filho<sup>14</sup>, passando a dar mais ênfase tanto à figura dos ídolos quanto aos aspectos emotivos e conflituosos do futebol (Silva, 2006, 122). As afetividades despertadas por esse esporte encontravam na mídia

---

<sup>13</sup> O terceiro colocado no mundial, ainda não conseguia vencer seus vizinhos mais próximos e durante muito tempo amargou terríveis fracassos. Em 1939, por exemplo, cerca de quarenta mil pessoas, presentes no Estádio de São Januário, tiveram o dissabor de assistir a uma goleada Argentina por 5 X 1 pela Copa Roca. A vaia foi grande para a seleção, pois todos queriam a vitória. Muitos jornais da época mostravam certo inconformismo diante dos resultados negativos da seleção, eterna freguesa da Argentina e do Uruguai. Mais do que resultados negativos, a seleção costumava sofrer goleadas vexatórias, como as que ocorreram em 1940 quando perdera por 6 a 1 e, posteriormente, por 5 a 1, ambos para nossos rivais argentinos. Apesar da técnica apurada, parece que faltava algo ao futebol nacional e essa lacuna era explorada por parte do jornalismo esportivo da época na tentativa de entender os motivos de resultados tão ruins. Algumas derrotas eram encaradas com maior impaciência tanto por parte do público como por parte da imprensa esportiva. Isso em grande medida significa que a boa campanha de 1938 despertou expectativas e a seleção nacional inevitavelmente foi alvo de maiores cobranças e muitas críticas: “É preciso ser cego, apaixonadíssimo ou nada entender do assunto para não ver que, presentemente, não estamos em condições de vencer, em pugnate de futebol, não só os argentinos, mas qualquer outro de nossos vizinhos da América do Sul” (*apud*, Sander, 41, 2004).

<sup>14</sup> Sobre o papel de Mário Filho na modernização da imprensa esportiva, ver o livro de Marcelino Rodrigues da Silva. *Mil e uma noites de futebol*. O Brasil moderno de Mário Filho. BH: Editora UFMG, 2006.

esportiva um ótimo veículo de propagação e a dimensão agonística do jogo ia sendo, cada vez mais, explorada pela imprensa. E nesse mecanismo foi – e ainda é – expressivo o papel desempenhado pela imprensa, que gradualmente se consolidou como um importante veículo mediador entre o futebol e o grande público, participando não apenas da circulação, mas também da produção de significados que iam aos poucos se tornando basilares para as interpretações dos fatos esportivos relacionados ao futebol.

Em 1950, a cobertura da imprensa – principalmente a do *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, não poupou esforços em criar uma atmosfera de euforia e expectativas, por conta da participação da seleção na Copa. Na Copa de 1950, a imprensa esportiva teve um papel importantíssimo na amplificação dos sentidos atribuídos aquele Brasil X Uruguai. Antes da derrota, os jornais desfilavam as fotos dos jogadores da seleção e não economizavam em elogios aos onze que estariam honrando a nação brasileira. Nas páginas da imprensa esportiva criou-se um clima de grande otimismo e até mesmo de certeza da vitória diante dos orientais, como demonstrava a profética manchete de *a Gazeta Esportiva*: “Venceremos o Uruguai” (apud, PERDIGÃO, 1986, 69).

Mas como sabemos a vitória não veio. E da derrota surgiu o vilão Barbosa<sup>15</sup> explicitamente culpabilizado pela perda do título. Na análise do desempenho individual dos jogadores da seleção, o jornal *Correio da Manhã* concluiu que Barbosa “não esteve numa tarde feliz (...) *Falhou* por ocasião do segundo gol uruguaio” (Grifo meu, 18/07/1950). O *Estado de São Paulo*, por sua vez, declarou que “se Barbosa permanecesse parado, onde se encontrava, a bola teria batido nele e voltado. Fez, porém, o inacreditável: atirou-se no chão quando ela vinha de meia altura” (apud PERDIGÃO, 147). Já no jornal *O Diário do Povo*, podemos ler que “Barbosa esteve num dia negro, *engolindo um frango* no gol que deu a vitória aos orientais” (Grifos meus, 18/10/1950). Mário Filho, o jornalista esportivo mais importantes da época afirmou que o arqueiro “nos dois lances decisivos se movimentou sempre com atraso fatal” (*JS*, 18/07/1950).

Todo vilão é antítese de um conjunto de valores considerados como ideias. Em 1950 os Uruguaios - sobretudo o capitão Obdulio Varela, o nosso “ídolo às avessas”

---

<sup>15</sup> É importante comentar que na época Barbosa dividiu a vilania com o lateral Bigode. O periódico *Esporte Ilustrado*, por exemplo, conclui que tanto Barbosa quanto Bigode haviam sido os “principais causadores do revés” (20/07/1950). A vilania solitária de Barbosa é construída a partir da Copa de 1970 com as releituras da derrota de 1950 estimuladas pelo primeiro jogo entre Brasil X Uruguai, em Copas do Mundo, após 1950.

(1964, 335) - serviram de parâmetro positivo a partir do qual a seleção brasileira foi avaliada. O diagnóstico da derrota explicitada no *Anuário Esportivo Brasileiro de 1950* afirmava em tom generalizante que: “Os uruguaios venceram porque (...) têm pinta de campeões mundiais, não sofrem do complexo de inferioridade, não se atemorizam com torcidas, mesmo que sejam essas compostas de 200 mil pessoas” (apud Perdigão, 1986, 171). Em outras palavras a derrota ocorreu porque diferentemente dos uruguaios, os jogadores brasileiros – e por extensão os brasileiros como um todo – foram incapazes de suportar as pressões de um jogo importante. Como disse Mário Filho, poucos foram os jogadores brasileiros “que se mostraram a altura das circunstâncias” (JS, 18/07/1950).

Se o jornal *O Globo* havia anunciado que o futebol “*não se firmou no Velho Mundo*”, o *Jornal dos Sports* recorreu à Europa para nos consolar da derrota. O JS fez uso da frase de um jornalista europeu para compor a conciliadora manchete principal da edição que foi às bancas no dia 18/07/1950: “Uruguai campeão de fato, mas Brasil melhor Team do mundo” (18/07/1950). A manchete completa era: “Escreve Willy Meisl, conhecida autoridade da crônica européia, especialmente para o *Jornal dos Sports*: Uruguai campeão de fato; mas Brasil melhor *team* do mundo” (Grifos meus). Willy Meils, jornalista austríaco correspondente do periódico inglês *World Sports*, foi um dos jornalistas estrangeiros cuja opinião foi recorrentemente trazida a público pelo JS. O recurso à opinião de especialistas europeus fez parte da tentativa, notável no JS, de exaltar o futebol brasileiro, apesar da derrota.<sup>16</sup> As críticas e culpabilizações sem dúvida existiram, mas sempre contrabalançadas com elogios seja ao fato de a seleção ter apresentado um futebol bonito e envolvente, mas principalmente ao comportamento da torcida.<sup>17</sup> Na edição do dia 22/07/1950, por exemplo, uma palavra de incentivo do jornalista sueco Torsten Tegner, foi publicada na 1ª página: “Palavras de T.T: Levantem a cabeça e sintam *o calor da admiração nórdica*. Expressiva mensagem do grande jornalista sueco ao público esportivo de nosso país”. (Grifos meus)

---

<sup>16</sup> É exemplar nesse sentido a crônica de Mário Filho cujo impressionante título dizia que “O Brasil ganhou mais do que perdeu com a derrota”. O jornalista argumentava que a “consagração do futebol do futebol brasileiro como o melhor do mundo era definitiva, não dependia mais da conquista do título” (JS, 20/07/1950).

<sup>17</sup> É válido mencionar que houve algumas manifestações sarcásticas especialmente em relação a essa tentativa. No jornal *O Globo*, por exemplo, em uma coluna dedicada às notícias do turfe podia-se ler: “O consolo de sermos vice-campeões do mundo é bom. Sermos bem educados e bancarmos os moços de bem, também serve. O azar é nosso porque não há uma taça Jules Rimet para o mais educado e o mais distinto” (18/07/1950).

O nacionalismo persistia, mas, um “nacionalismo entristecido, silencioso, doloroso, mas nem por isso menos expressivo” como disse Hilário Franco Jr (2007, 91). Tomás Mazzoni alguns dias após aquele fatídico domingo não conseguiu disfarçar sua decepção. Esse mesmo jornalista tão cheio de entusiasmo em 1938, não resistiu ao insucesso de 1950 e destilando amargura e desgosto desabafou:

Enfim este calvário do futebol brasileiro é duro. Numa final de campeonato olímpico ou mundial, nunca aconteceu o que sucedeu com o nosso quadro. O futebol dá de tudo – dirão – tudo que sucede por obra da sorte e da fatalidade (...) Mas desta vez, a ninguém pode dar paz ao coração o fato de perdemos a Taça do Mundo em nossa casa, quando já tínhamos chegado são e salvos e embalados para a suprema conquista. Pobre torcida, que perversidade a sorte lhe reservou (JS, 20/07/1950)

Como a antropóloga Simoni Guedes já havia observado, é notável, em alguns momentos da história do país, a passagem “da análise de uma derrota no terreno futebolístico para a análise do povo brasileiro como um todo (Guedes, 1998, 21). Em 1950, José Lins do Rego, em crônica publicada no *Jornal dos Sports*, demonstrou todo seu receio e angústia que a perda do jogo para os uruguaios lhe havia trazido:

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado (...) E, de repente, chegou-me a decepção maior, a ideia fixa que se grudou de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino (JS, 18/07/1950).

Essa transposição marca as recepções da derrota de 1950 e, sobretudo, a de 1954. Em 1954, esse aspecto surge de modo mais agudo nas análises da derrota da seleção para a Hungria que elimina os brasileiros da Copa do Mundo daquele ano. Aquele mau resultado foi, muitas vezes, tomado como um sinal de que o Brasil era uma nação cujo perfil se desenhava sombrio e marcado pelo fracasso. Tratava-se da encenação de uma questão antiga que se relacionava à “deficiência da raça brasileira, temática que se prolongava desde a época do Estado Novo” (Vogel, 1982, 99). No jornal *O Estado de São Paulo*, do dia 6/07/1954, podia-se ler uma matéria que fazia o sombrio diagnóstico da derrota do Brasil para a seleção Húngara:

Mas a mesma franqueza que nos leva a reconhecer o empenho de cada um dos nossos jogadores naquele embate, convence-nos de que alguma coisa faltou, alguma coisa que, em forma de desequilíbrio dos nervos, não lhes permitia aliar ao seu desejo de vitória uma atuação firme, eficiente e produtiva.



Confessamos não poder fixar aqui, para não avançarmos em terreno estranho e perigoso, as causas talvez raciais, talvez morais, talvez sentimentais que possam ter influído para tal estado de coisas (*apud*, MUYLAERT, 1994, 90).

O aspecto emocional foi, do mesmo modo, destacado por João Lyra Filho em seu livro *A Taça do Mundo de 1954*.<sup>18</sup> Segundo o autor a ausência de domínio emocional teria sido o fator determinante para a eliminação do selecionado brasileiro, defeito que não estaria circunscrito ao âmbito futebolístico, pois “o sistema nervoso que trabalhou aqueles momentos inaugurais do jogo, denunciado no estado de ânimo dos nossos rapazes, *não é privativo dos jogadores brasileiros de futebol; é comum a maior parte do povo brasileiro*” (Grifos meus, 1954, 55). A análise negativa, que se estendia ao país como um todo, marcou a recepção da derrota de 1954 de modo mais enfático do que em 1950, desenhando o perfil de uma raça caracterizada pelo descontrole emocional responsável não apenas pela eliminação do Brasil, mas pelo tumulto ao final da partida que entrou para a história como a “Batalha de Berna”.<sup>19</sup> As considerações, em relação às duas campanhas negativas – a de 50 e 54 –, levantavam suspeitas quanto a problemas que ultrapassavam de longe o terreno esportivo. Tais transposições indicavam que o complexo de inferioridade “mantinha-se ainda forte na autoimagem dos brasileiros e de sua seleção” (Franco Jr., 2006, 93).

É válido frisar que todo vilão é antítese de algum conjunto de valores. Em 1954, os uruguaios ainda faziam morada em nosso imaginário. Mário Filho, por exemplo, demonstrava certeza de que tanto Mr. Ellis quanto a FIFA jamais ousariam ludibriar aos Uruguaios, pois estes “reagirão a bofetada” (*JS*, 30/06/1954).<sup>20</sup> Ao que parece, os Uruguaios continuavam a ser vislumbrados como um exemplo perfeito de conduta<sup>21</sup> em

---

<sup>18</sup>O conteúdo desse livro pertencia originalmente a um relatório destinado à Confederação Brasileira de Desporto escrito enquanto João Lyra Filho ocupava o cargo de chefe da delegação brasileira que foi à Copa de 1954.

<sup>19</sup>A “Batalha de Berna” foi o nome dado ao jogo Brasil X Hungria. Após o jogo, o técnico “Zezé Moreira atirou uma chuteira no rosto do Ministro do Esporte da Hungria Gustav Sebes. Puskas (...) mandou uma garrafada em Pinheiro. Esse clima serviu para dar um apelido ao jogo: ‘A Batalha de Berna’” (2002, 98).

<sup>20</sup>O jornalista fazia referência a uma possível arbitragem desonesta, no jogo Brasil e Hungria, válido pelas quartas-de-final da Copa de 1954 em que fomos eliminados dessa competição. O árbitro em questão é Mr. Ellis, que em 1950 havia sido o bandeirinha do jogo do dia 16 de julho e que na Copa seguinte apitou a decisiva partida dos brasileiros contra a poderosa e temida Hungria. Um jogo confuso e violento que contribuiu para fazer de Mr. Ellis o grande vilão da Copa de 1954.

<sup>21</sup>É interessante notar que havia um certo enaltecimento da imagem violenta que se fazia do Uruguai. Mário Filho em diversas crônicas, sobretudo, as de Mário Filho que, por exemplo, escreveu “ Não vamos, pois achar que os uruguaios deviam se ajoelhar toda vez que pisassem o gramado do Maracanã. Eles não se ajoelharão nunca e sabemos disso. Eles

campo. Mas após 1958 e 1962 não será mais necessário recorrer a Obdulios Varelas para servir de exemplo poderoso aos nossos vilões.<sup>22</sup> Após a vitória de 1958, por exemplo, Mário Filho exalta os jogadores afirmando que:

Vocês, aí na Suécia, só exibiram e só exaltaram nossas virtudes. (...) *Não temos mais nada a invejar de ninguém. Vocês não foram os uruguaios que queríamos que os jogadores de 50 tivessem sido em 16 de julho. Vocês foram brasileiros e, como brasileiros, sem tomar nada emprestado de ninguém, venceram o campeonato do mundo (...)* (Grifos meus, JS, 30/06/1958).

As conquistas dessas Copas - e, sobretudo a de 1970 - consolidarão a identidade futebolística nacional padrão a partir do qual o desempenho da seleção em Copas será avaliado. Já em 1966, após a eliminação do selecionado por Portugal, o mesmo Mário Filho, podia afirmar: “O caminho a seguir não é mudar o futebol brasileiro (...) É voltar a 58 e 62” (JS, 26/07/1966). Os vilões, por sua vez, são consolidados como personagens que, de algum modo, não cumprem devidamente tudo aquilo que se espera de um jogador da seleção. Uma seleção a qual já havia sido agregado um conjunto de valores basilares para a avaliação que teremos sobre seu desempenho em Copas do Mundo. Valores como ginga, malandragem, plasticidade, dribles são consolidados enquanto “marcas de autenticidade” do futebol brasileiro, valores que continuam a ser pensados em oposição ao que se considera como sendo o pragmático futebol europeu.

A Copa de 2002 foi exemplar nesse sentido. A oposição Brasil x Europa se fez presente de modo persistente nos comentários de jornalistas e cronistas, afinal foi nessa Copa que se deu o embate entre Brasil e Alemanha, um país cujo futebol costuma ser concebido como o espelho do comportamento de seu povo, compreendido como “essencialmente” frio e pragmático: “[Alemanha] é um time *pragmático, gelado*, um canhão de tiro único (...) (Grifos meus, *Isto É* 30/07/2002 apud MARTINO, 2010, 115). Já o futebol brasileiro é tratado como um celeiro de “craques de inacreditável vitalidade

---

foram campeões do mundo porque deram um bofetão em bigode. E enquanto precisarem esbofetear os Bigodes que aparecerem no caminho de uma vitória, não hesitarão” (apud Antunes, 2004, 147)

<sup>22</sup>A esse respeito Mário Filho disse: “Vocês, aí na Suécia, só exibiram e só exaltaram nossas virtudes. Mostraram até onde o brasileiro pode ir, pela dedicação, pelo entusiasmo, pelo amor a pátria, pelo vigor atlético, pela disciplina e pela técnica. Por isso somos gratos a vocês. *Não temos mais nada a invejar de ninguém. Vocês não foram os uruguaios que queríamos que os jogadores de 50 tivessem sido em 16 de julho. Vocês foram brasileiros e, como brasileiros, sem tomar nada emprestado de ninguém, venceram o campeonato do mundo (...)*” (Grifos meus, JS, 30/06/1958).

de uma escola incomparável *de malícia, ginga e improvisação*” (Villas Boas Correa, *Jornal do Brasil*, 01/07/2002, MARTINO, 2010, 110).

Mas a vilania de 1990 é também paradigmática nesse sentido. O técnico Lazaroni, que já vinha sendo criticado ao longo da preparação da seleção para a Copa, teve sua vilania garantida após a derrota para o nosso maior rival, a Argentina. Por isso, o *Diário popular* de São Paulo, na edição do dia seguinte a esse jogo, estampou em sua primeira página, a manchete: “Eles tinham Maradona e nós Lazaroni”. Já o *Jornal dos Sports* afirmou em uma manchete que: “O futebol de Lazaroni *não é o futebol brasileiro*” (25/06/1990).

Foi a chamada “Era Dunga” jogador cujo futebol poderíamos dizer que foi considerado por grande parte da imprensa como “desbrasileirado”, no sentido usado por Gilberto Freyre em 1974. Porém, como que por encanto, esse mesmo jogador se transformará em herói em 1994, voltando à vilania em 2011, desta vez como técnico da seleção. Para tentar explicar essas idas e vindas veremos abaixo um breve análise desse fenômeno.

### **Dunga: de vilão a herói e vice-versa**

Em 1990, o jogador Dunga foi visto como representante de um estilo de jogo que, segundo grande parte da imprensa esportiva, significava um retrocesso para o futebol nacional, pois estaria próximo ao “futebol-força”, um futebol europeizado e que, portanto, descaracterizaria a escola brasileira. Foi a chamada “era Dunga”, ou seja, a geração de “matar a jogada com força física, de todo mundo atrás e ninguém na frente (...) Jamais o Brasil viu um futebol tão melancólico como o de agora. *Esse nunca foi o nosso futebol*” (Grifos meus, *Jornal dos Sports*, 25/06/1990). Dunga era visto como um jogador truculento, sem habilidade e que, portanto, não possuía o perfil adequado para a seleção nacional. Ele foi considerado “o mais europeu dos jogadores”, por Nelson Rodrigues Filho e mesmo tendo sido o melhor em campo, no jogo contra a Argentina que eliminou a seleção da Copa em questão, não foi poupado, pois “Esse é que o problema: quando Dunga é o melhor, o time está mal” (*JS*, 26/06/1990).

Dunga era um jogador desacreditado e desdenhado, alvo de acusações e de deboche. Nessa época ninguém poderia imaginar que um dia Dunga se tornaria capitão da seleção brasileira e ergueria a taça de campeão do mundo. Foi isso que ocorreu em 1994, na conquista do tetracampeonato da seleção brasileira. Ao erguer a Taça, Dunga sacolejou-a, esbravejou bastante, gritou alguns palavrões, aparentando uma alegria imensa, ou melhor, uma espécie êxtase, temperado com o sabor da redenção, ou quem sabe, da vingança. Mas dias antes, era possível notar que os ecos de 1990, ainda repercutiam, pois Dunga começou a Copa de 94 questionado. No jogo contra a Suécia que terminou em empate de 1 X 1 o jornal *O Dia* considerou Dunga como um dos “peladeiros de Parreira” dono de “uma estupidez técnica” que espantava e irritava (29/06/1994). Porém, as vitórias da seleção e as boas atuações de Dunga foram aos poucos minimizando as críticas e ele transformou-se no capitão com C maiúsculo da seleção, o homem de confiança de Carlos Alberto Parreira. O jogador cobrou um dos pênaltis da seleção na final contra a Itália e ao convertê-lo todos podiam ouvir seu grito de comemoração. Um momento emblemático que passou a simbolizar a garra e a vontade de vencer, personificados na figura de Dunga.

Cabe perguntar: Dunga havia mudado enquanto jogador? Dunga havia passado a jogar com mais plasticidade e adotado aquela forma de jogar tão festejada pela imprensa? Embora ele tivesse demonstrado uma melhora no seu desempenho técnico, assim como enfatizado sua capacidade de liderança, suas características básicas haviam sido mantidas. Dunga continuava a ser um jogador de forte marcação e que não primava por jogadas bonitas e de efeito, tão valorizadas na seleção brasileira. Dunga impôs-se com sua voz de comando, mas de um modo geral permaneceu aguerrido e duro de cintura. Entretanto, a forma pela qual passou a ser representado modificou-se. O capitão da seleção foi assim descrito pelo narrador Galvão Bueno, no momento da cobrança do penal: “Agora é a vez do *Rambo brasileiro*. Dunga! É com você. *A fibra, o símbolo da raça brasileira*, na seleção do Brasil, nesta Copa do Mundo” (Grifos meus).<sup>23</sup> É interessante perceber que em 1990, Dunga já mostrava talento para Rambo. Ele era o que

---

<sup>23</sup>Brasil X Itália. Transmissão da Rede Globo de Televisão, narração Galvão Bueno, 17/07/1994. Arquivo pessoal.

se costuma chamar de “guerreiro”, corria de um lado para o outro, sempre pronto para roubar alguma bola e não dar espaço para o adversário. Porém, nessa época, esse tipo de desempenho não foi em nada valorizado e isso se explica em grande medida devido aos maus resultados em campo da seleção.

Afinal, é interessante perceber que da conquista de 1994 em diante – ou pelo menos até 2010 –, Dunga deixa a vilania para trás e assume o posto de herói do Tetra. Em 1998, por exemplo, em uma pesquisa realizada pelo jornal *O Globo*, Dunga foi escolhido como o jogador mais querido com 23% da preferência contra 16,9% de Ronaldo, o Fenômeno. Seu prestígio seguiu forte e nem mesmo o vice-campeonato foi capaz de abalá-lo. Embora no Brasil, o futebol-arte sirva como base para nossa imagem e auto-imagem futebolística – sobretudo no que diz respeito à Seleção Brasileira –, é interessante perceber que em caso de derrotas é muito comum invocar a figura da autoridade, da raça e da garra. Em 1950, o capitão Obdulio tornou-se referência e em 2006 foi a vez do capitão Dunga. Nesse mesmo ano, o ex-técnico da seleção, Carlos Alberto Silva, ao comentar a eliminação da seleção pela França, disse que na seleção “faltou alguém como Dunga, chegar no vestiário, no intervalo, e *enfiar a mão na cara* de todos (...). Tive saudades do Dunga, que saudades do Dunga” (grifos meus, *Estado de São Paulo*, 02/07/2006). O capitão se converteu em nosso Obdulio Varela, alguém cuja capacidade de liderança era invocada como solução para os maus resultados da seleção.

Seu nome se transformou em sinônimo de dedicação, disciplina e seriedade, que passou a ser invocado em caso de derrota. Principalmente derrotas consideradas resultado da falta de comprometimento dos jogadores com a seleção. Não é sem motivos que logo após a eliminação da Copa de 2006, Dunga tenha sido escolhido para comandar a seleção, com o objetivo de imprimir-lhe disciplina e para dar fim a possíveis privilégios de jogadores como Ronaldinho Gaúcho e Kaká. Essa escolha surpreendeu grande parte da imprensa, afinal Dunga não tinha experiência como treinador. Mas ao que parece o que estava em jogo não era exatamente sua experiência enquanto técnico, mas sua imagem forte e austera. Imagem ressignificada e legitimada pela conquista de 1994.

Se em 1990, suas principais características como a garra, a disciplina e empenho físico, motivavam críticas e detrações, após 1994 aquelas mesmas

características passam a ser valorizadas. Transformaram-se numa espécie de antídoto contra jogadores tidos como mascarados e que não compreenderiam a importância de atuar pela seleção. No lugar da serenidade de Parreira, entrou Dunga que nas palavras do Presidente da CBF Ricardo Teixeira representava uma escolha que atingiria “em cheio o anseio dos torcedores brasileiros que querem na seleção um treinador vibrante” (*Folha de São Paulo*, 25/07/2006).

Quase todos os técnicos que passaram pela seleção e não conseguiram o resultado desejado foram culpabilizados pelo mau desempenho da canarinho.<sup>24</sup> Portanto, Dunga arriscou-se a ter uma outra vilania em seu currículo, algo que inevitavelmente ocorreria em caso de insucesso, risco agravado pela relação conflituosa que manteve com a imprensa esportiva ao longo de sua permanência no cargo de técnico. Sua inexperiência como técnico somado ao seu estilo de comando fizeram com que a expressão “a era Dunga” voltasse à moda. Ao deixar no banco Ronaldinho Gaúcho, várias foram as vozes levantadas contra aquilo que parecia ser uma decisão exagerada, que mais prejudicaria a seleção do que o jogador. Juca Kfoury, por exemplo, em sua coluna semanal, escreveu “Só há uma explicação para deixar alguém como ele [Ronaldinho, Gaúcho] no banco de reservas: avareza, egoísmo. Ou então cegueira” (*Folha de São Paulo*, 17/12/2006).

Após o primeiro tropeço significativo de Dunga, com a derrota para a Argentina nas semifinais das Olimpíadas de 2008, alguns jornais insinuavam que sua permanência como técnico havia sido posta em xeque. A *Folha de São Paulo*, por exemplo, afirmou que “A apertada agenda da seleção nos próximos meses é a mais forte aliada de Dunga para continuar no comando da equipe. Apesar do fracasso nos Jogos, a CBF avalia que este não é o momento ideal para mudar de treinador. O motivo, os próximos dois jogos

---

<sup>24</sup> Incompetência, burrice e falta de comando são os qualificativos mais comumente atribuídos aos técnicos perdedores. Vicente Feola, que não conseguiu trazer o desejado tricampeonato, foi classificado de “homem de idéias vazias, vazio de imaginação, pois não consegue fugir do lugar comum (...) porque o fracasso da seleção se resumiu ao comando, à orientação técnica” (*JS*, 21/07/1966). Sebastião Lazaroni além de ser chamado de burro, como já foi visto, também foi acusado de não ter dado conta das brigas internas na seleção. Em 2006, Carlos Alberto Parreira teve a incompetência ressaltada na reportagem “Sem desculpa” publicada na *Folha de São Paulo*, afinal, o técnico havia sido “incapaz de armar um bom time a partir de uma das mais brilhantes safras do país os melhores jogadores do mundo compunham a seleção (02/07/2006). O jornal *O Globo*, por sua vez, exibiu uma foto de Parreira, com rosto melancólico, acompanhada da manchete “Imagem da apatia” (02/07/2006). Já o comentarista e ex-jogador Neto, em crônica intitulada, “Enfim termina a era Parreira”, conclui que “o título de 94 iludiu bastante a torcida brasileira (...) graças a Deus terminou a ‘era’ Parreira” (*Estado de São Paulo*, 04/01/2006).

pelas eliminatórias à Copa, em setembro” (20/08/2008). Já o jornal *O Globo* preferiu ser mais incisivo e estampou na capa do seu Caderno Esportivo, a provocativa manchete que reproduzia um anúncio mortuário e que dizia: “O futebol brasileiro, pentacampeão do mundo, comunica o falecimento da seleção do técnico Dunga, ocorrido ontem em Pequim, na China” (20/08/2008). É válido notar que o que teria morrido é “seleção de Dunga” e não a seleção brasileira, uma diferenciação significativa e que é reforçada ao longo de toda reportagem sobre a derrota para os Argentinos: “Em sua obsessão por *punir o talento*, o treinador acabou sendo castigado. *Com ideias contrárias* ao espírito olímpico e ao *futebol brasileiro*, Dunga ofereceu sua própria cabeça ao julgamento após jornada vergonhosa (...) (Grifos meus, *O Globo*, 20/08/2008).

A imagem do capitão vitorioso foi deixada de lado e a do vilão Dunga – associado a tudo que era contrário ao futebol brasileiro –, retornava com força total. Porém, ao contrário do que propunha aquela manchete do jornal *O Globo*, o ex-capitão permaneceu como técnico até a Copa do Mundo de 2010, classificando o Brasil em primeiro lugar nas eliminatórias da Copa e conquistando a Copa das Confederações em 2010. Sua relação com a imprensa – a quem costumava denominar genericamente de “vocês” – seguiu conflituosa, sobretudo após o início da Copa da África. A não convocação de jogadores considerados talentosos, como Neymar, Paulo Henrique “Ganso”<sup>25</sup> e Ronaldinho Gaúcho, serviu de mote para reforçar aquela antiga imagem da “era Dunga”. A estratégia usada pelo então técnico para defender suas escolhas baseou-se na adoção de um discurso que se ancorava nos resultados obtidos em campo e em um patriotismo exacerbado que se evidenciava em declarações como: “Eu e todos os jogadores estamos preparados para lutar e vencer pelo país. Minha mãe foi professora de Geografia e história e me ensinou a ser patriota” (*O Globo*, 12/05/2009). Embora a imprensa faça largo uso de um discurso nacionalista e patriota, aquela proposta de Dunga foi recebida com maus olhos por parte da imprensa que considerou o patriotismo de Dunga como uma tentativa de justificar o injustificável: “Treinador prefere reservas fiéis

---

<sup>25</sup> Neymar e Paulo Henrique Ganso são jogadores do time paulista Santos Futebol Clube que tiveram atuação destacada no início de 2010.

a seu trabalho aos meninos da Vila,<sup>26</sup> maiores destaques do futebol do país no primeiro semestre” (*Folha de São Paulo*, 12/05/2010).

Já *O Globo* optou pela ironia. Em sua capa do caderno de esportes, foi exibida uma fotomontagem de Dunga fazendo parecer tratar-se de uma convocação militar, onde era possível ler a seguinte manchete: “Atendendo ao pedido de Dunga e Jorginho. Pra Frente Brasil!!!!. Dunga: o nosso técnico. É hora de união! Todos de mãos dadas! (...) Viva a atitude! Viva o patriotismo!” (12/08/2010). Após a eliminação da seleção brasileira da Copa da África, essa capa foi novamente usada, sendo que dessa vez ela surge em cima de uma lata de lixo, anunciando “O fim (definitivo) da era Dunga” (3/07/2010), manchete exposta na primeira página de *O Globo*. De um modo geral, a recepção da eliminação da seleção brasileira da Copa de 2010 foi marcada pela alusão à “era Dunga” que por conta da derrota teria terminado de modo decisivo. O jornal *O Dia* optou pelo trocadilho: “Era Dunga? Já era” (03/07/2010), a *Folha de São Paulo* preferiu: “Derrota encerra 2ª era Dunga” e o *Estado de São Paulo*: “Brasil de Dunga é eliminado” (Grifos meus, 03/07/2010). O que se evidencia nessas manchetes é a demarcação entre a seleção “brasileira” e a seleção “de Dunga”, diferenciação explicitada, sobretudo, pelo *O Estado de São Paulo* como se pode observar acima.

Pela segunda vez Dunga foi o vilão de uma Copa e como ocorre com todo vilão representou uma espécie de encarnação do antifutebol brasileiro. Como recentemente afirmou Juca Kfoury: “Dunga até acertou mais que errou no seu curto reinado. Mas seus erros foram fatais, além de sua visão de futebol ser absolutamente *antibrasileira* (Grifos meus, *Folha de São Paulo*, 14/07/2011).

## **Conclusão**

Em 2008, o jornal *O Globo* publicou uma reportagem intitulada “Futebol pentacampeão em crise: estilo sob ameaça. Jogadores saem tão jovens do país que acabam *perdendo o jeito brasileiro de atuar*”. O jornalista Fernando Calazans de modo indignado afirmava que a ida de jogadores jovens para a Europa significava: “a *quebra*

---

<sup>26</sup>Meninos da Vila era a denominação dada às revelações já mencionadas Paulo Henrique “Ganso” e Neymar.



*de identidade com o estilo do futebol brasileiro, estilo único, inimitável (...)*” (21/12/2008). Já o jornalista Maurício Fonseca afirmou que: “o resultado no campo acaba sendo o que se tem visto: um time sem identificação com a *essência* do futebol brasileiro” (21/12/2008).

Essência do futebol brasileiro? O que significa “essência”? Sabemos que aquilo que se costuma chamar de “essência” é resultado de um processo histórico que naturaliza um determinado momento de diferenciação vitoriosa e a projeta como modelo. A nossa pergunta seria conseqüentemente uma pergunta pela genealogia da “essência”. É possível encontrarmos a “essência” do futebol brasileiro na época em que ele era jogado no Rio de Janeiro nos clubes formados por ingleses e por marinheiros estrangeiros? No fim do século XIX, com os jovens brasileiros da elite Charles Miller, Oscar Cox e Victor Etchegaray? Ou quando o escritor e cronista Lima Barreto se queixava na década de 1920 do “grosseiro *football*”?

Podemos propor que a identidade futebolística nacional – assim como a própria identidade nacional – é uma “construção e como tal não pode ser encontrada como realidade primeira da vida social” (ORTIZ, 2006, 138), o que significa dizer que ela se “fundamenta em uma interpretação” (Ibid, 138). Embora a identidade futebolística nacional seja “imaginada” no sentido usado por Benedict Anderson (1989), sendo, portanto, histórica e discursivamente construída, o que se pode perceber é que a imprensa de um modo geral costuma tratá-la como uma espécie de essência. Essência fundada na oposição Europa X Brasil. A Europa surge como uma alteridade composta por uma série de características consideradas como negativas e incompatíveis com o futebol brasileiro. Os vilões encarnam essas qualidades negativas, sendo compreendidos como um grupo desviante em relação a um padrão estabelecido. Por outro lado, essas mesmas características negadas podem ser acionadas caso se ache necessário como ocorreu em 2006.

Para o antropólogo Gilberto Velho “a noção de outro ressalta que a diferença constitui a vida social, à medida que esta efetiva-se através das dinâmicas das relações sociais. Assim sendo, a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito” (VELHO, 1996,10). No caso das narrativas da imprensa

esse conflito é facilmente resolvido. Os vilões representam uma alteridade compreendida de modo simplificado que não gera problematizações em torno de nossas certezas, mas ao contrário parece servir para a confirmação de consensos.

Há uma certa complexidade que envolve a compreensão de uma derrota da seleção e que certamente é perdida quando as respostas são limitadas à procura pelos culpados que, como foi dito acima, são sempre escolhidos a partir de um repertório de profissionais cujo perfil compartilha qualidades consideradas como “desbrasileiradas”. Há muita complexidade obliterada pela concepção de “essência do futebol brasileiro” que frequentemente é acionada quando se tenta demonstrar que há algo de errado no futebol nacional. Mas tudo isso é apagado a favor de concepções como: o futebol brasileiro *é* ou o futebol brasileiro *não é*.

A contemporaneidade tem se caracterizado por um cenário mundializado de intenso contato cultural. Nesse contexto de grande circulação de ideias e objetos, os rótulos “falso” e “verdadeiro” perdem um pouco a força, como ocorre com uma das maiores marcas da americanidade que é o Western Americano, fartamente apropriado na Austrália e, sobretudo, Itália (ORTIZ, 112, 1994). Porém as aproximações do que antes era distante, também provocam o temor da ameaça às identidades, como mesmo nos fala Stuart Hall (2006). Esse temor em grande medida se faz notar no discurso da imprensa esportiva, o que ficou claro na série de reportagens, já mencionada, relativa ao estilo brasileiro que estaria “sob ameaça”. E essa ameaça é o contato com o outro. É, por exemplo, a exportação de jogadores vista como um problema já que se pressupõe que jogar em terras internacionais provocaria uma espécie de “contaminação” em nossos jogadores e os fariam perder “o jeito brasileiro de atuar” (21/12/2008).

A concepção que costuma ser adota pela imprensa esportiva relativa ao estilo de futebol brasileiro – sobretudo em relação à seleção brasileira – oblitera diferenças e heterogeneidades. Nesse sentido pode-se dizer que esse estilo é imaginado afinal trata-se de um conjunto de imagens selecionadas que privilegiam determinados aspectos em detrimento de outros. O mesmo se pode dizer em relação ao “futebol europeu” frequentemente imaginado como pragmático, que privilegia a força em prejuízo da habilidade e do talento individual. No que diz respeito à imprensa esportiva é interessante

perceber que essas concepções nem sempre são fundadas em critérios neutros e baseados em aspectos relativos ao desempenho em campo, mas em representações, muitas vezes, estereotipadas que se tem do outro, especialmente a Europa.

A insistência na figura dos vilões se explica em um contexto de reforço de identidades e no caso do futebol relaciona-se também a uma imprensa esportiva cada vez mais próxima ao entretenimento e que, portanto investe em fórmulas narrativas de fácil acesso público, oferecendo-lhe conteúdos familiares e, portanto, coletivamente compartilhados. Como propõe Luiz Gonzaga Mota “As notícias atuam como mito. Elas oferecem mais que o fato – oferecem tranquilidade, familiaridade, fornecem respostas verossímeis a perguntas desconcertantes e explicações dos fenômenos complexos como desemprego e inflação” (2002, 317).

Além da questão relativa ao efeito narrativo, é provável que um dos motivos que justifique a ampla utilização do recurso aos vilões pela imprensa esportiva se relacione ao fato de que culpabilizar indivíduos isolados em detrimento do grupo, pode tornar prescindível uma análise mais acurada da derrota e que leve em conta a possibilidade de se considerar que a seleção tenha sido, em algum aspecto, inferior ao adversário. Como assinalou a antropóloga Simoni Guedes muitas análises das derrotas da seleção partem do suposto de que “são os nossos erros que nos derrotam, já que somos os maiores do mundo do futebol” (2000, 137). Ou melhor, são os erros *deles*, os vilões, pois a culpa da derrota recairá sobre alguns indivíduos e não ao todo, afinal se os heróis do futebol “representam nossa comunidade” (HELAL, 2001, 154), os vilões, ao contrário, a envergonham. Sendo assim é válido lembrar que os valores relativos ao futebol brasileiro se transformaram com o tempo como marcas reconhecíveis e vendáveis, não sendo fácil deixar de utilizá-las nas narrativas.

Talvez a imprensa não seja de fato o espaço mais adequado para problematizações e fugas do senso comum, sobretudo, se lembrarmos que especialmente a imprensa esportiva tem andado de mãos dadas com o entretenimento, preferindo provocar diversos efeitos sobre o leitor do que propriamente fazê-lo refletir sobre algum assunto. Nas narrativas da imprensa o caráter complexo quase que se apaga em função das estratégias de produção das notícias com base em matriz melodramática e, portanto,

pautada em dicotomias e oposições simplificadoras. A própria rotina de uma redação também precisa ser levada em conta como fator interferente na produção de notícias. Nesse sentido é importante considerar, como demonstra Nelson Traquina, que o processo de produção de notícias obedece a algumas demandas específicas do jornalismo como, por exemplo, “os constrangimentos organizacionais”, “a política editorial da empresa” e um dos principais deles “o fator tempo” (TRAQUINA, 1999, 54).

Porém é válido frisar que essa mesma imprensa que tenta transmitir tantas certezas também não consegue esconder por completo algumas brechas a partir das quais se evidenciam ambiguidades. E o caso Dunga é interessante nesse aspecto. O caso Dunga demonstra que as identidades são “algo em fluxo e que a mídia é elástica o suficiente para acomodar definições” (MARTINO, 2010, 110). Na imprensa esportiva brasileira essa elasticidade - que muitas vezes pode ser compreendida como contradição - relaciona-se diretamente ao resultado final em campo e ao tipo de retórica escolhida para a produção da notícia esportiva. O resultado é um dos principais articuladores das notícias folhetinizadas da imprensa esportiva, o que significa dizer que é a vitória ou a derrota que opera a configuração dos heróis e vilões das Copas. Como vimos, em 1994, Dunga pouco havia mudado seu modo de jogar, que havia sido tão renegado em 1990. Mesmo com seu futebol-força e, portanto, “europeizado”, ele transformou-se no capitão do tetra, o que significa que a distância entre *nós* e *eles* não é tão grande assim.

Até mesmo porque, como certa vez disse o jornalista Mário Filho: “A vitória é como uma varinha de condão” (*Manchete Esportiva*, 24/05/1958). Essa varinha tocou Dunga em 1994, mas não fez o mesmo em 2011. Por isso, novamente Dunga retornou a ser concebido como o *outro* diferente e distante de *nós*, daí sua saída celebrada por uma imprensa convicta de que a alteridade indesejada fora expulsa dos domínios do futebol brasileiro. Após a recente derrota da seleção brasileira em um amistoso contra a Alemanha, Fernando Calazans em coluna publicada no jornal *O Globo* denunciou o que segundo sua opinião seria um dos mais sérios problemas do futebol nacional:

Uma mentalidade de força física, de tamanho, de marcação, de não deixar jogar, de intensidade, de guerreiros e gladiadores em vez de jogadores de futebol *como sempre produzimos*. Uma mentalidade, portanto, de destruição do futebol, não uma mentalidade de criação do futebol. É o que nos conduziu ao penta (sobretudo aos três primeiros que conquistaram a admiração mundial)

foi muito mais a criação do que a destruição, como devem saber os tantos historiadores e especialistas que temos por aqui (*O Globo*, 14/08/2011).

Mas justamente os historiadores e outros pesquisadores reconhecem a importância do conhecimento científico – portanto a força física – que possibilitou que os jogadores da Copa de 1970 tenham chegado ao México fisicamente bem condicionados para enfrentar a altitude e que esse tenha sido um dos fatores que levou a seleção a conquistar a “admiração mundial” a qual Calazans se refere.<sup>27</sup> Também os historiadores sabem que Gilberto Freyre, em 1919, publicara no jornal *A Província* um artigo demonstrando indignação diante da dificuldade de o brasileiro praticar o futebol do mesmo modo como era praticado na Europa: “É simplesmente ridículo que continuemos toda a vida um povo incapaz de praticar o “sport”, *como ele é praticado noutros países*: dentro do espírito de “fair play” (Grifos meus, *A Província*, 19/12/1929). Como nos mostra Leonardo Pereira, o futebol rapidamente despertou fascínio justamente por conta da “proclamada origem inglesa (...). A explicação dessa origem, que garantia o perfil cosmopolita de seus praticantes, passavam assim a ser para estes quase que uma obsessão” (2000, 36). Levará tempo até que o próprio Gilberto Freyre e tantos outros celebrem a aparente desvinculação do futebol brasileiro dionisíaco em relação ao bem ordenado inglês. E como afirma Clifford Geertz:

A história de qualquer povo em separado e a de todos os povos em conjunto, como também a rigor, a história de cada pessoa tomada individualmente, tem sido a história dessa mudança de ideias, em geral devagar, às vezes mais depressa; ou caso o tom idealista desta afirmação perturbe o leitor (não deveria porque não é idealista nem nega as pressões naturais da realidade ou os limites materiais da vontade) tem sido a história da mudança dos sistemas de sinais, das formas simbólicas e das tradições culturais (1999, 76)

Sendo assim nada impede que um dia Dunga retorne um dia e que seja novamente nosso Rambo brasileiro, pois ao contrário do que nos faz parecer as narrativas da imprensa pautadas na temporalidade do presente, o futebol tem passado e futuro.

## REFERÊNCIAS

BROOKS, Peter. *The melodramatic imagination*. Yale University Press, 1995.

---

<sup>27</sup> Sobre esse aspecto ver o artigo O “futebol arte” e o “planejamento México” na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa de Antonio Jorge Soares, *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.113-130, setembro/dezembro de 2004

- CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a cultura. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Bom Livro: São Paulo, 1989.
- DAMO, Arlei. Artistas primitivos: os brasileiros na Copa de 38 segundo os jornais franceses. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007
- *Do dom à profissão*. A formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.
- FRANCO JR. Hilário. *A dança dos deuses*. Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GIRARD, René. *O bode expiatório*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.
- GEERTZ, Clifford. “Os Usos da Diversidade” *Horizontes Antropológicos* 1999, n.10:13-34.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- HELAL, Ronaldo; Gordon, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo; HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HUPPES, Ivete. *Melodrama: O gênero e sua permanência*. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.
- LANZA, Sonia Maria. *As narrativas jornalísticas*. Memória e melodrama no folhetim contemporâneo. Tese de Doutorado em Comunicação Semiótica. Pontifícia Universidade de São Paulo, 2008.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Comunicação e identidade*. Quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim*. Uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico.
- MOUILLAUD, M.;PORTO, Sérgio Dayrell. *O jornal. Da forma ao sentido*. Brasília: Editora UNB, 2002
- MOURA. Gisella de Araújo. *O rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MUYLAERT, Roberto; SOARES, Jô; NOGUEIRA, Armando. *A Copa que ninguém viu: e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira, identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- . Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense: 1994.
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L & PM, 1986.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. RJ: Nova Fronteira, 2000.
- THOMASSEAU, Jean-Marie. *O melodrama*. Trad. Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.
- UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.
- VELHO, G. e ALVITO, M. (Orgs). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, FGV, 1996.
- VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: In: DAMATTA, Roberto et ali. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
-